



CO-HABITAR O SENSÍVEL: ENSAIO POÉTICO SOBRE CORPO E LINGUAGEM

CO-INHABITING THE SENSIBLE: A POETIC ESSAY ON BODY AND LANGUAGE

CO-HABITAR LO SENSIBLE: ENSAYO POÉTICO SOBRE CUERPO Y LENGUAJE

Luiz Felipe Silva Bonassoli • Mariana Harumi Cruz Tsukamoto

Resumo

Neste ensaio teórico-poético, investigo as relações entre corpo, linguagem e educação a partir de uma escrita situada, implicada, articulando experiências na universidade, práticas corporais e diálogos com epistemologias críticas, somáticas e dissidentes. Busco compreender o corpo como campo de invenção, tradução e desaprendizagem, território de linguagem no qual os sentidos se produzem nos encontros e nas variações da vida, ao mesmo tempo em que entendo a linguagem como prática política, capaz de regular e reinventar mundos possíveis, tensionando modelos normativos de conhecimento e ensino. Metodologicamente, assumo uma prática responsável, ativista, eticamente pajubariana e poética, em diálogo com a pedagogia somática e o *Body-Mind Centering*, afirmando a pesquisa como prática encarnada e relacional. Como desdobramento, proponho uma pedagogia da escuta, da presença e da desaprendizagem, abrindo campos de experimentação nos quais o corpo deixa de ser objeto de estudo para se afirmar como lugar de experiência, criação e produção de mundos.

Palavras-chave: Escrita Situada; Corporeidade; Dissidência; Desaprender; Imaginação.

Abstract

In this theoretical-poetic essay, I investigate the relationships between body, language, and education through a situated and implicated writing, articulating experiences in the university, bodily practices, and dialogues with critical, somatic, and dissident epistemologies. I seek to understand the body as a field of invention, translation, and unlearning, a territory of language in which meanings are produced through encounters and the variations of life, while also understanding language as a political practice capable of regulating and reinventing possible worlds, thus challenging normative models of knowledge and teaching. Methodologically, I adopt a responsible, activist, ethically pajubarian, and poetic practice, in dialogue with somatic pedagogy and *Body-Mind Centering*, affirming research as an embodied and relational practice. As an unfolding, I propose a pedagogy of listening, presence, and unlearning, opening fields of experimentation in which the body ceases to be an object of study and affirms itself as a place of experience, creation, and world-making.

Keywords: Situated Writing; Corporeality; Dissidence; Unlearning; Imagination.

Resumen

En este ensayo teórico-poético, investigó las relaciones entre cuerpo, lenguaje y educación a partir de una escritura situada e implicada, articulando experiencias en la universidad, prácticas corporales y diálogos con epistemologías críticas, somáticas y disidentes. Busco comprender el cuerpo como un campo de invención, traducción y desaprendizaje, territorio de lenguaje en el cual los sentidos se producen en los encuentros y en las variaciones de la vida, al mismo tiempo que entiendo el lenguaje como una práctica política, capaz de regular y reinventar mundos posibles, tensionando modelos normativos de conocimiento y enseñanza. Metodológicamente, asumo una práctica responsable, activista, éticamente pajubariana y poética, en diálogo con la pedagogía somática y el *Body-Mind Centering*, afirmando la investigación como una práctica encarnada y relacional. Como desdoblamiento, propongo una pedagogía de la escucha, la presencia y el desaprendizaje, abriendo campos de experimentación en los cuales el cuerpo deja de ser objeto de estudio para afirmarse como un lugar de experiencia, creación y producción de mundos.

Palabras clave: Escritura Situada; Corporeidad; Disidencia; Desaprender; Imaginación.





A sementinha que a mim constitui algo de estranha tinha, viadinho, boiola, maricon, bixa, estranha pela falta de escuta de que no nosso corpo existe e não só resiste ou foge. Masculinidade forçada nunca me desceu a garganta. Nem saia, desde criança vomitar sempre foi o meu maior medo, junto com escrever ou ficar sem camisa. Lutar quando precisa lutar, consciência, luta diária. Mas será que todos para existirem precisam viver em guerra contra ninguém? Aquém? Tudo bem não falar do que a ti não pertence, mas eu achava que eu pertencia. Estranho é que ninguém nos defende, só aponta e atira. Quando me afirmo bicha, afirmo desde então a consciência de uma subjetividade sendo florida. Ir além do menino ou menina, ir além do corpo enquanto não somente gênero ou cor e forma (Matheusa Passareli, 2018).

E explorando potências do meu corpo eu fiz esse trabalho, de acordo com toda violência que sofri, por minha mão, por minha forma de gesticular, e é isso, em ser viado mesmo, e é isso, é sobre bichisse, é sobre ser quem eu quero ser, é sobre liberdade, sobre ser uma referência de bicha, as minhas referências são bicha (Matheusa Passareli em “Corpo sem Juízo - Jup do Bairro”, 2019).

ENTRE DÚVIDA E IMAGINAÇÃO

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada (Clarice Lispector - Água viva, 1998).

Clarice parece me dizer que o sentido não é dado, mas criado; que viver, pensar, mover, sentir e imaginar talvez não caibam em lógicas prontas ou limitantes; que corpo e mundo se inventam no próprio ato de acontecer. Haraway (2023) sugere que os seres vivos não precedem suas relações, mas se fazem mutuamente; assim, reproduzimos e produzimos o mundo tal como ele é. Fazer sentido, então, se torna menos interpretar algo já dado do que abrir caminhos para que algo novo possa existir, ainda que provisório, ainda que vacilante. Por isso, como Clarice, acredito no ímpeto de inventar verdades efêmeras, modos de existir que não se fixam em categorias, mas se ramificam em invenção. Inventar se torna prática de sobrevivência, onde se abrem possibilidades, caminhos inesperados, permitindo que a experiência se faça presente.

A poesia, desta forma, é utilizada como um modo de caminhar com imaginação, de experimentar sentidos, de deslocar padrões e permitir que gesto e palavra se cruzem, se transformem e se reinventem, ao nos relacionarmos com um texto poético, não apenas lemos; atravessamos suas palavras e seus ritmos, deixamos que elas ressoem em nossas experiências, que despertem lembranças, sensações e imagens próprias como lembram Martins, Velardi e Marxen (2024). Cada encontro é único, e os significados surgem da interação entre o que o texto oferece e o que trazemos conosco, entre aquilo que nos toca, nos move e nos transmuta. É nesse movimento de atravessamento que a escrita se aproxima





das metodologias que também caminham por terrenos instáveis. A sociopoética, por exemplo, conforme Silva, Nascimento e Caetano (2021), opera nesse mesmo movimento de abrir espaço para o imprevisto, de aceitar que a trilha da pesquisa é feita de trechos escorregadios, onde não sabemos de antemão quais metáforas ou figuras conceituais irão surgir.

Essa abertura ecoa o próprio convite da poesia, permitindo que algo apareça enquanto caminhamos, que o sentido seja invenção compartilhada e não roteiro previsto. Essa relação é ao mesmo tempo pessoal e compartilhada, subjetiva e intersubjetiva (Taiwo, 2011 *apud* Martins; Velardi; Marxen, 2024), uma prática que nos ensina a perceber, sentir, renomear e transformar o que nos atravessa, guiados pela vida que acontece aqui, passo a passo, gesto a gesto, em movimento constante. A pesquisa e a poesia se tocam na aposta de que cada pessoa carrega consigo histórias, memórias e culturas inscritas no corpo, segundo Gauthier (2012), e essas inscrições emergem no encontro. É no entre, no comum que se forma na fricção das experiências, que algo se dá a ver.

Talvez seja nesse gesto de inventar e de perceber que se abra o convite para algo maior. E se a gente, eu e você aqui, para continuar, fizermos um acordo? Entre eu que escrevo e você quem lê, prometo ser um acordo simples, mas não se engane, o simples nem sempre é fácil, por isso é necessário ter intencionalidade. Que tal? Vamos parar de fingir certezas? Parar de fingir que sabemos o que tudo é, o que é corpo, o que é o normal ou natural, o que é o certo, parar de acreditar que há um único jeito de mover, sentir, existir. Como dizem Varela e Maturana (1995, p. 25).

Só quando, em nosso ser social, chegarmos a duvidar de nossa profundamente arraigada convicção de que nossas inabaláveis e 'eternas' certezas são verdades absolutas [...], aí então começaremos a nos desvencilhar dos poderosíssimos laços que a armadilha da 'verdade objetiva e real' tece.

Não busco certezas, mas modos de presença, maneiras de me colocar no mundo sem pretender fixá-lo. Como apontam os próprios Varela e Maturana (1995), compreender o fenômeno do conhecimento exige esse esforço de suspender o que se acredita saber, pois toda experiência cognitiva envolve quem conhece de modo pessoal, encarnado, situado. Conhecer é sempre um ato enraizado em nossa própria estrutura biológica, e a certeza, quando isolada, se torna cega ao outro. É só no encontro, na criação compartilhada do mundo, que essa solidão do conhecer se desfaz.

É essa dúvida que proponho como ponto de partida. Vamos agora também combinar que o chão, por exemplo, não é fixo, ele pode se mover, deslizar, recusar a estabilidade. Podemos também combinar que o corpo não é só rigidez, alguns corpos vazam, se misturam, contradizem-se. E se a gente





pensar que o corpo pode não caber em moldes, ele pode se expandir, se perder, se transmutar; atravessar o ambiente, atravessar a linguagem, atravessar com desvios e linhas retas.

E se o compromisso deste acordo for desaprender, desaprender o que nos ensinaram sobre binariedade; que em grande medida domina o pensamento ocidental, sobre pureza ou tantas outras certezas? E se for sobre desfazer os contornos rígidos que a organização e classificação usam para nos moldar? E se for sobre escutar para além do que se ouve? E se o corpo não for um problema a ser corrigido, mas uma linguagem em permanente tradução, onde cada vibração impulsiona uma nova gramática e nenhum verbo é definitivo? Onde desejo não seja apenas um anseio ardente, como do latim *desiderium* — o silêncio dos astros, o vazio das respostas — mas força de criação contínua, uma presença que, além de habitar, se movimenta. E se desejar for mais do que esperar o que não veio, mas também for abrir os caminhos necessários? E se histórias puderem se entrelaçar sem hierarquia, sem fronteira clara, sem ponto fixo? E se até mesmo o vazio, por mais desconfortável que seja, se transforme em “uma potencialidade, uma promessa do que pode vir” (Martins; Velardi; Marxen, 2024)? E se o que nos ensinaram a chamar de ausência for, na verdade, a abertura por onde o mundo passa? E se o desejo, assim como o vazio, for este lugar onde não falta nada, apenas tudo ainda pode acontecer?

E se o que vem depois deste acordo for o deslizamento lento de tudo o que julgávamos fixo? E se entre uma insurgência e outra for possível inventar uma nova forma de tocar o mundo? Talvez seja aí que a palavra “continuar” deixe de significar linha reta, e passe a significar dobra, altos e baixos, desvio, respiração entrecortada. Porque tudo se move. Tudo muda. As certezas também. A não compressibilidade é a regra, e o que vive não cabe em contenção. Quais desconhecidos ainda podemos habitar? Quais territórios se abrem quando a gramática corporal se recusa a obedecer? E se, a partir daqui, o compromisso for inventar? Errar, ajustar, escutar. Criar espaço para as pausas, para o improviso, para a diferença. Criar espaço para as falhas, para a diversidade, para a flexibilidade. E se “eu não sei” não for mas falta, for lugar de aprender com o inesperado, desaprender outras perspectivas e reaprender com elas? Talvez seja nesse não saber que novas perguntas comecem a nascer. Que o olhar se volte não para a resposta, mas para o próprio ato de perguntar.

E se, ao perguntar, nos voltássemos para o que sentimos, para o que fazemos, para o modo como escolhemos nos mostrar quando o mundo exige uma resposta? E se for sobre como nós repetimos, sobre o que buscamos, sobre o que ainda é vazio, e não apenas sobre o que já possuímos? Como crescemos? O que alimenta o pensamento, o corpo, o desejo? Como cultivamos o cuidado conosco e com





o mundo? O que significa encontrar sentido no intervalo entre o que fomos e o que podemos ser? E se o universo inteiro, galáxias, estrelas, espaços, estiver conectado ao que buscamos em nós? E se o que buscamos for, na verdade, a própria busca? E se o que nos falta for também aquilo que nos permite criar? E se a pergunta não fosse mais “o que falta?”, mas “o que pulsa apesar de tudo?” E se criar sentido significar abrir espaço para aquilo que não cabe nos sentidos já dados? Afinal, que formas de coragem são necessárias para transformar essa busca em ação?

Desaprender não apaga o que fomos, mas desloca o olhar. Agora que esse acordo está feito, podemos continuar, não como quem avança com mapas prontos, com perspectivas sólidas e inquestionáveis, mas como quem caminha em terrenos que ainda não têm nome, onde o chão não está dado, onde o deslocamento não é previsível, onde não se precisa ouvir para escutar, e onde palavra não precisa conter tudo para dizer alguma coisa. É desse lugar que escolho falar, não como quem afirma verdades, mas como quem se arrisca a formular perguntas que não cabem em respostas imediatas. Que esse acordo seja menos um pacto de estabilidade e mais um convite a permanecer no trânsito das coisas, onde o sentido não antecede a prática, mas se constrói com ela para que o objetivo de investigar como o corpo pode se tornar um campo de invenção, tradução e desaprendizagem, rompendo com modelos normativos de conhecimento e ensino, se torne possibilidade.

LINGUAGEM PARA CRIAR MUNDOS

Y yo quisiera renegar
De'te mundo
Oh-ooh, por entero
Volver de nuevo a habitar
Madre de mi corazón, ah-yeh
Volver de nuevo a habitar
Por ver si en un mundo nuevo
Volver de ciego en un mundo nuevo, auháh
¡Y encontraba más verdad! (Rosalía - Mundo Nuevo, 2025).

É justamente ao assumir essa disposição, a de permanecer no trânsito, na dúvida, na formulação ainda instável, que se torna irreal ignorar as forças que insistem em fixar, estabilizar e normatizar o pensamento. Se, como afirma Bondía (2002), não pensamos com pensamentos, mas com palavras, então disputar as palavras é disputar os próprios limites do pensável, se proponho um gesto que se constrói na prática, também preciso nomear o campo que regula o que pode ou não ser aderido como prática legítima de saber.





Foi nesse movimento que passei a reconhecer, na universidade, a atuação de dispositivos fiscalizadores, reguladores e disciplinares, que muitas vezes operam na direção da homogeneização do pensamento e de sua legitimação como verdade. Fui reconhecendo na universidade, a existência de uma academia, como apontado por Martín (2018), como um modo de produção vinculado ao mercado do conhecimento, que privilegia a utilidade capitalista e organiza a vida acadêmica em formatos rígidos — o *paper*, os sistemas de citação, a indexação, os *rankings*, a linguagem clara, precisa e eficiente, sem sobressaltos, sem dobras, sem dúvida, sem vacilação crítica; e, evidentemente, sem o barroquismo afetado da linguagem das bichas, há, nesse sentido, um modo *straight* de produção acadêmica, masculino em sua forma, heterossexual em sua estrutura, neoliberal em seu marco, que define não apenas o que pode ser dito, mas como deve ser dito.

No entanto, essa leitura não se sustenta como totalidade, a própria universidade é também atravessada por fissuras, disputas e reinvenções, sendo simultaneamente espaço de normatização e de abertura, de contenção e de criação. Minha própria experiência nela, situada, implicada, em trânsito, é expressão dessas tensões, evidenciando que, se há forças que estabilizam, há também movimentos e pessoas que desestabilizam e reconfiguram o que pode ser pensado e vivido, esse modo não se impõe de maneira absoluta ou incontestada. Ele convive com práticas dissidentes, escritas desviantes e experiências que conflituam seus limites, revelando que a universidade não é um bloco homogêneo, mas um campo em disputa, onde diferentes regimes de saber coexistem, colidem e podem se transformar. É justamente nesse entre, entre norma e desvio, entre contenção e invenção, que situo esta escrita.

É nesse campo, que esse modo de produção opera como tecnologia de poder, regula a inteligibilidade do discurso, modela o suspiro da frase, administra o excesso e ensina a escrever sem titubear. Não proíbe frontalmente; enquadra ou higieniza. Não silencia de imediato; traduz até que nada reste de estranho. Por vezes, ao reivindicar neutralidade, universaliza sua própria localização e transforma seu corpo situado em medida do comum. Se as palavras não são mero instrumento, mas o próprio tecido em que nos damos enquanto sujeitos, então controlar as palavras é controlar as formas possíveis de existência. Me fazendo perguntar, que experiências precisam ser traduzidas para caber na gramática dominante e quais são descartadas por não falarem a língua do rigor? O que a universidade escuta de fato, e o que ela tolera apenas como ruído antes de neutralizar? Quais vozes são chamadas de excessivas e quais ocupam o centro sem serem interrogadas? Onde ficam os saberes que nascem do corpo, da rua, do afeto e da urgência? Atravessam a sala de aula ou seguem batendo do lado de fora do currículo? E quando





entram, entram com suas próprias palavras ou já higienizadas por outras? Então, se pertencer exige silêncio, quem lucra com essa pedagogia da contenção?

A academia, tantas vezes, exige explicações antes mesmo que possamos dizer o que viemos dizer (Nascimento, 2014). A exigência de legitimação antecede a própria fala, capturando-a no instante em que tenta respirar. Não basta enunciar: é preciso provar, justificar, enquadrar-se. O pensamento, antes de existir, já deve apresentar suas credenciais. A neutralidade opera assim como ficção reguladora, promete objetividade enquanto seleciona quais corpos podem ocupar o lugar de sujeito do saber e quais permanecerão como objeto de análise. O rigor torna-se contenção; a clareza, vigilância; a forma, fronteira. Mas quem define o que é rigor e o que é excesso de corpo, de emoção, de vida?

Como aponta Passareli (2018), o domínio da academia sobre o artifício nos afastou de sua força inventiva, banalizando seu uso e comercializando-o, tornando-o uma linguagem comum, mas cujos sentidos já não nos pertencem. O que poderia ser invenção torna-se protocolo; o que poderia ser criação torna-se mercadoria. Bondía (2002) lembra que considerar, eleger, criticar, inventar ou proibir palavras nunca é um gesto vazio; é sempre um modo de dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, a disputa pela linguagem é também disputa pelo mundo que se torna possível dizer, viver e criar. Nesse cenário, comecei a pressionar esse regime de produção do saber, buscando modelos de reflexão crítica e dissidente que me permitissem escrever e pensar desde as margens, recusando a forma única como destino e reivindicando a linguagem como campo de disputa, uma vez que como Brooks (2019), “não pode haver uma única leitura correta - incontáveis novos padrões podem aparecer se o inesperado for degustado”.

O que Passareli (2018) chama de “banalização” da linguagem talvez também se estenda ao modo como a academia tem tratado o método. Em *“Receita de família: o método perfeito para uma pesquisa”*, Longano e Velardi (2024) utilizam a metáfora da cozinha para deslocar a ideia de método como prescrição. O fazer científico, dizem, é sempre situado, atravessado por histórias, corpos e condições materiais. Assim, questionam por que certos modos de saber, aqueles que emergem da vida cotidiana, da experiência e da cultura, seguem sendo desautorizados nas práticas acadêmicas. Investigar se torna também um ato político, que exige reconhecer de onde se fala e o que se mobiliza ao pensar em conhecimento. Se o método é receita, quem escolhe os ingredientes? Quem decide o que é tempero e o que é erro? Ao fixar procedimentos como universais, a academia também cozinha em fogo brando silenciamentos.





É nesse ponto que Denzin (2018) me interpela: e se o método deixasse de ser apenas uma técnica e se assumisse como intervenção? E se, em vez de perguntar apenas como investigar, passássemos a perguntar para quem e com quem investigamos? O autor desloca o debate ao afirmar que não se trata “apenas” de pesquisa qualitativa, mas de uma prática ativista eticamente responsável, comprometida com a justiça social, com a centralidade das vozes oprimidas e com a produção de efeitos concretos na vida. Ao lê-lo, o método deixa de ser receita e se torna disputa, disputa essa por legitimidade, por escuta, por transformação.

Mas essa interpelação não vem sozinha, ela encontra, em Favero (2020), um outro movimento. Se Denzin (2018) pergunta sobre impacto, Favero desloca o próprio lugar de onde se pergunta. Pabjubar a ética, como ela propõe, é recusar a neutralidade cisgênera que sustenta a ideia de método como algo exterior ao corpo, cavar outras hipóteses, mudar a forma de fazer perguntas, não “dar ekê”, ou truques, não se ausentar, não fingir distância, retomar a posicionalidade como metodologia, para compreender as fragilidades ontológicas de uma anunciação sempre em disputa, e assim, assumir que a pesquisa começa antes da pergunta e não termina na análise, porque o corpo que investiga já está implicado, atravessado, comprometido. Aqui, o método não apenas se torna político, ele se torna encarnado. Pois tal dialeto aqui se refere a uma prática, não somente a um vocábulo.

Como afirmam Varela e Maturana (1995), o conhecimento não pode entrar com passo firme no recinto das ciências sociais se continuar a sustentar a pretensão de objetividade. Não há possibilidade de conhecer “de fora” fenômenos dos quais o próprio pesquisador faz parte. Essa ideia de neutralidade, produto de uma racionalidade colonial, branca, heterossexual e patriarcal, impede que a ciência reconheça o caráter situado e relacional de seus próprios processos de produção. A promessa de exterioridade é, em si, um exercício de poder, ao declarar-se fora, o sujeito científico oculta as marcas que o constituem e naturaliza sua posição como centro.

Compreender o conhecer implica voltar-se ao próprio processo de aprendizagem, entendido como fenômeno central da vida social que atravessa as formas de convivência e cultura; direção apontada por Varela e Maturana (1995) Assim, se o conhecer está sempre implicado no viver, é pela linguagem, não como ferramenta, mas como forma de existência, que esse processo se realiza, produzindo mundos no próprio ato de dizer e de se relacionar. É nesse entrelaçamento que o corpo deixa de ser mero suporte e passa a operar como condição de possibilidade da linguagem, uma vez que o sentido não antecede o gesto,





nem se encontra oculto por trás da experiência, mas se constitui no próprio movimento, na forma como o corpo percebe, age e se engaja no mundo (Nóbrega; Medeiros, 2009).

Ao afirmarem que o conhecer se dá no linguajar, Varela e Maturana (1995) redefinem a compreensão da linguagem como domínio exclusivamente verbal, permitindo reconhecê-la como prática encarnada, atravessada por gestos, afetos, silêncios e modos de presença; compreender o outro e o mundo, portanto, não se configura como exercício abstrato, mas como acontecimento corporal no qual percepção, ação e expressão se entrelaçam na produção de sentidos. Operamos na linguagem quando o próprio domínio linguístico se constitui como meio das interações possíveis, fazendo emergir o observador e o próprio campo de sentido, de modo que, ecoando Bondía (2002), nomear não corresponde a colar etiquetas sobre o real, mas a instaurar modos de vê-lo e senti-lo, correlacionar palavras e coisas já implica a criação de mundos possíveis. Sendo esse processo não restrito ao verbal, ele se atualiza também no gesto, no ritmo e na intensidade do movimento. Um gesto aparentemente simples — como abrir os braços ou estalar os dedos — pode engendrar múltiplos sentidos, a depender de quem o realiza, de quem o observa e do contexto em que se inscreve, evidenciando que a produção de significado é sempre relacional, interpretativa e situada (Gomes-Da-Silva; Sant’Agostino; Betti, 2005). Em outras palavras, como sugere Linn da Quebrada, na entrevista “Eu sou o corpo errado”, em 2019, para o TAB UOL, o sentido “depende de quem vê, depende de como vê, e como te comovê”. Essa compreensão provoca a ideia de linguagem como um sistema fixo e permite entendê-la como processo contínuo de produção de sentidos. É justamente essa característica que possibilita descrevermos a nós mesmos e às nossas circunstâncias, abrindo novos domínios de consciência e reflexão. Por isso, toda explicação, inclusive a científica, é sempre situada, pois emerge de condições culturais específicas que moldam aquilo que pode ser visto, dito e pensado.

A própria busca por universalidade é retesada pela materialidade da linguagem, pelos corpos, histórias e contextos que a produzem. A linguagem é, ao mesmo tempo, ponto de partida, instrumento cognitivo e também problema. Toda reflexão se dá dentro desse campo, nunca fora dele, o que implica reconhecer que “tudo o que é dito, é dito por alguém”: alguém situado, encarnado, atravessado por tempo e espaço. Alguém que fala desde um vazio, desde um entre, desde um corpo que talvez não caiba por inteiro nas gramáticas que o nomeiam. Nesse sentido, como apontam Nóbrega e Medeiros (2009), a corporeidade se constitui na dinâmica entre o biológico, o cultural, o afetivo e o histórico, produzindo uma linguagem sensível que não busca correspondência exata com o mundo, mas se realiza por aproximações





abertas, plurais e ambíguas. Trata-se de um corpo que não apenas fala, mas significa, mesmo quando excede as gramáticas que tentam contê-lo.

Partindo de Nóbrega e Medeiros (2009), que compreendem a linguagem do corpo como campo de expressão que opera por aproximação e abertura de sentidos, podemos afirmar que falar, escrever e pesquisar são ações humanas atravessadas pelo corpo e pela política. São gestos que produzem mundos ao mesmo tempo em que nos produzem enquanto sujeitos. Não há fala sem corpo, assim como não há linguagem sem vínculo, pois a linguagem não apenas descreve o real, mas o fabrica e o faz existir em determinadas condições. Nomear, narrar e pensar são, nesse sentido, modos de fazer-ser, implicando reconhecer que o conhecimento não se limita à via conceitual ou lógico-formal, mas também se produz por meio de experiências sensíveis, estéticas e corporais, que escapam à totalização do conceito e demandam ser vividas para adquirir sentido.

Conhecemos na medida em que dizemos, e dizemos na medida em que nos reconhecemos no que é dito. Nessa perspectiva, o mental e o social não estão separados, a consciência é o próprio entrelaçamento linguístico que sustenta o viver em comum. A mente, dessa forma, não está dentro de nós, mas entre nós, no espaço compartilhado das palavras, movimentos e afetos. Se a experiência não é algo que possuímos, mas algo que nos atravessa, ela opera como abertura concreta, não transcendência abstrata, mas campo do possível que se anuncia no que pode ganhar forma no encontro. Esse “entre” pode ser compreendido como o espaço onde diferentes linguagens se articulam e produzem conhecimento, como sugerem Gomes-Da-Silva, Sant’Agostino e Betti (2005), ao ampliarem a noção de significação para além do domínio estritamente verbal.

Talvez seja justamente aqui que o diálogo entre Denzin (2018) e Favero (2020) se intensifique, se todo conhecer é situado e linguístico, então toda metodologia é também uma escolha ética sobre quais mundos queremos sustentar. Denzin insiste na criação de critérios outros, baseados na justiça, na dignidade e na transformação; Favero, por sua vez, faz tremer a própria ideia de critério, ao expor que toda avaliação já nasce marcada por regimes de poder que definem quem pode ser ouvido. Entre um e outro, o método deixa de buscar estabilidade e passa a operar como desestabilização contínua.

Ao trazer essa discussão para a Educação Física, torna-se evidente que a expressão corporal não pode permanecer como elemento secundário ou subordinado a práticas já codificadas, como esportes ou ginásticas. Conforme argumentam Gomes-da-Silva, Sant’Agostino e Betti (2005), a expressão corporal possui uma identidade própria como linguagem, sendo capaz de produzir conhecimento por meio de





gestos, inclusive aqueles não pré-codificados, espontâneos e singulares. Isso desloca o foco pedagógico da reprodução de técnicas para a produção de sentidos pelos próprios alunos, reconhecendo-os como sujeitos criadores de linguagem.

Portanto, meu esforço aqui não é pedir licença, mas afirmar que, escrevendo, me movendo, falando e inventando, reviso as gramáticas que tentaram me fixar, acrescentando margens, ruídos e desvios ao texto que me atravessa. A escrita situada, como propõe Favero (2020), assim como a poesia, não é um detalhe metodológico, mas a própria condição desse ensaio. O que alguns chamam de “micro” — corpo, voz, narrativa, afeto — é atravessado por forças históricas, coloniais e institucionais (Nascimento, 2014). Cada linha carrega alianças, ecos e silêncios. Cada escolha lexical é também uma escolha ética e ontológica, ao eleger uma palavra, recuso outras, ativo mundos mas também desativo possibilidades. Justamente na linguagem, nesse contínuo existir nos mundos linguísticos e semânticos que produzimos com os outros, que o conhecimento encontra sua forma mais viva. A escrita, assim, se torna uma prática de convivência, uma forma de aprender junto o que ainda não sabemos dizer. Escrever, então, não é organizar o mundo, mas ferir sua pretensa coerência, introduzir falha onde havia fluidez normativa. Assumir, como Favero (2020), uma ética pajubariana que não pede inclusão, mas desestabiliza a própria arquitetura do reconhecimento.

Assumo, então, que não me guio por conceitos rígidos, mas por palavras que escorrem entre, entre corpos, vozes e mundos possíveis. Se conhecer é viver e viver é linguagem, habitamos o entre, esse domínio relacional em que o sentido se fabrica com os outros. É nesse entre que escrevo, entre teoria e carne, entre prática e desejo, entre o que me atravessa e o que escolho acolher.

Escrever, então, não é moldar o real, mas mover-se com ele. Como propõem Martins, Velardi e Marxen (2024), trata-se de “mapear, explorar, brincar com a linguagem”, um ato poético e político, uma prática de invenção e de escuta. Aqui, o escrever é uma prática de convivência, tal como o conhecer em Varela e Maturana, uma dinâmica viva entre corpo e linguagem. A linguagem deixa de ser um meio neutro para se tornar matéria em trânsito, corpo que age e se deixa afetar. Se toda palavra é uma coordenação afetiva, um instrumento necessário para navegar no mundo cotidiano (Brooks, 2019), escrever é participar desse entrelaçamento, abrir-se ao entre que liga e desloca. Por isso, não busco um dicionário acabado, mas um campo de sentidos à deriva, onde o vacilo e a dúvida são formas de rigor. Alves (2000) diz que a imaginação criadora não cabe em precisão, pois se alimenta de emoções, inquietações e perguntas sem fim, talvez seja nesse balançar, nesse respirar incerto, que o texto encontre seu pulso. Talvez a escrita





habite exatamente essa zona instável, não como fechamento, mas como campo fenomenal onde experiência e linguagem se implicam mutuamente, sustentando o possível sem convertê-lo em fórmula. Isso subverte diretamente a dicotomia entre teoria e prática, pois o saber não se limita ao discurso sobre o corpo, mas se realiza na própria ação corporal.

Foi observando esse paralelismo que percebi o quanto a escrita e prática corporal compartilham as mesmas lógicas de contenção. Quando a Educação Física se reduz ao controle e à técnica, o corpo desaprende a escutar; quando a universidade se fixa na forma e na norma, o pensamento desaprende a sentir. Em ambos os casos, a escuta, de si, do outro, do tempo, se empobrece. Contra isso, escrever é uma insurgência, uma ação de desobediência e invenção. Tal como o corpo que cria novas coreografias ao escapar do comando, a escrita indisciplinada busca o desvio, o ruído e o improviso. Entre corpo e linguagem, talvez o ato político mais profundo seja manter-se poroso, permitir que o corpo-tinta escorra pelas margens do formato e, assim, reabra o mundo às possibilidades do encontro.

Dessa forma, pensar a Educação Física como ação pedagógica com a cultura corporal, e não apenas como discurso sobre ela, implica reconhecer que o conhecimento emerge na própria experiência do movimentar-se, na produção de signos corporais e na abertura ao novo. Trata-se, portanto, de sustentar práticas que não apenas ensinem movimentos, mas que criem condições para que outros sentidos e outros corpos possam existir (Gomes-Da-Silva; Sant'Agostino; Betti, 2005).

O CORPO COMO TRADUÇÃO

O corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória (Leda Maria Martins, 2002).

Se a linguagem exige corpo, talvez seja preciso perguntar: o que é um corpo? Quem define sua materialidade, sua validade, sua respiração? Quem decide o que conta como corpo e o que é descartado como resto? Quem define o que é rigor e o que é excesso de corpo, de emoção, de vida? Que corpos a universidade sustenta e quais ela deixa escorrer sem nome? Em sintonia com Russell (2020), percebo o corpo como um campo em constante tradução, onde discursos sociais, políticos e culturais se reorganizam conforme o tempo, o lugar e a leitura que dele se faz. O corpo não é uma superfície passiva, é território de linguagem: nele, não há neutralidade, apenas inscrições que se escrevem e se apagam, que dizem e desdizem. Mas, mais do que suporte de inscrições, o corpo é condição de produção de sentido,





um campo de intensidades no qual linguagem e vida se engendram mutuamente. Pensá-lo, portanto, é reconhecer sua condição sensível, um território que afeta e é afetado por inúmeros vetores que cortam, atravessam e constituem nossa subjetividade (Barrionuevo; Stubs, 2019), o que se aproxima da leitura de Correia e Almeida (2020), ancorada em Deleuze e Spinoza, ao compreender o corpo não como substância fixa, mas como potência relacional, definida por sua capacidade de afetar e ser afetado nos encontros que o constituem, deslocando a própria linguagem de um lugar representacional para um plano de imanência onde ela participa da produção da experiência.

Quando generificamos um corpo, fazemos suposições sobre sua função, sua condição sociopolítica, sua fixidez (Oliveira; Bonassoli; Franco, 2025). Ser nomeado é também ser enquadrado. O corpo é convocado a performar aquilo que esperam dele. É assim que vai sendo ensinado a existir dentro de moldes que chamam de natural, mas que são pura norma (Passarelli, 2018). Todo corpo é uma escrita tensa entre o que lhe é imposto e o que ele tenta inventar. Embora seja simultaneamente todo e parte, integralidade e fragmento, o corpo é sempre atravessado por discursos que lhe atribuem significados distintos, ora ancorados em pressupostos biomédicos, ora sustentados por convenções sociais (Louro, 2000; Torras, 2007). Mas, como dito pelos autores Correia e Almeida (2020), não se trata apenas de compreender o que se inscreve sobre o corpo, e sim de acompanhar o que o próprio corpo faz nessas relações, suas ações, suas respostas e suas possibilidades de composição no interior das forças que o atravessam, incluindo aquilo que escapa à nomeação e que insiste como intensidade, gesto ou afeto.

O corpo é processo, nunca forma acabada. É matéria em tradução, sujeito a rasuras, sobreposições e reescritas. Mas nem todas as escritas são aceitas, apenas as que cabem na gramática normativa (Passarelli, 2018). Nesse sentido, o corpo não pode ser pensado como mera materialidade, mas como uma obra em movimento, um texto vivo que resiste à leitura única. Há memória no corpo, não como arquivo fixo, mas como um “arquivo de sentimentos” como proposto por Cvetkovich (2003), esse arquivo não é apenas um repositório linear de fatos, mas um tecido de afetos, traumas, descobertas e deslocamentos. Esse arquivo não se circunscreve apenas ao plano material, transmite-se por narrativas, gestos, silêncios e pelos próprios territórios que habitamos. O corpo carrega, portanto, a marca do vivido, a inscrição das experiências que não se separam daquilo que somos. Nessa direção, pensar o corpo como memória é também pensá-lo como circuito de afetos, isto é, como campo onde experiências se acumulam não apenas como lembrança, mas como variações na potência de agir, moduladas pelos encontros vividos (Correia; Almeida, 2020), em um processo no qual a linguagem não apenas registra, mas participa da





produção dessas variações. É através do corpo que percebemos uma nova rede de relações e de existências possíveis. Questionar os pontos que nos constituem é também inventar novas direções. O corpo portanto não é apenas suporte, mas território vivo, sensível e em constante transmutação. Nele habitam marcas, cicatrizes, silêncios, modos de estar, de resistir... Por isso, acredito que é através dele que a história se encarna, que o pensamento se move e que a vida se faz narrativa.

Recusar, então, o corpo como texto normativo rompe com a ortografia do poder, pode até permitir que outras sintaxes se inscrevam na carne e reinventem o sentido. Talvez o corpo seja essa coragem de mudar de forma, de perder a pele para respirar outra vez, como escrito por Oliveira, Bonassoli e Franco (2025, p. 3):

Esse processo pode trazer luto, pois envolve desfazer-se de modelos internalizados, mas também pode ser celebração, a coragem de mudar de forma, de experimentar diferentes eus e de encontrar novos modos de ser. O corpo, é simultaneamente ferida e festa, restrição e abertura; nele se inscrevem regimes de poder, mas nele também se produzem os desvios, as “falhas” e os movimentos que nos permitem sonhar.

É nesse intervalo entre restrição e abertura que se pode recolocar a pergunta espinosana, retomada por Deleuze e mobilizada por Correia e Almeida (2020): o que pode um corpo? Não como essência a ser descoberta, mas como problema a ser experimentado nos encontros, nas práticas e nas relações que fazem variar sua potência, o que implica compreender o desejo, como já referido, não como falta, mas força produtiva, excesso que cria e transforma que atravessa o corpo e a linguagem, criando possibilidades de existência.

A escola, o esporte, a cidade, todos esses espaços moldam corpos, determinam velocidades, definem o que é progresso, disciplina, sucesso. Mas o corpo que não cabe nessas medidas inventa outros modos de medir. O corpo que não corre na direção esperada, que se nega a competir, que descansa quando o mundo exige pressa, é o corpo que lembra que aprender não é produzir, mas sentir e estar em um processo constante de desaprender. Para aprender com o corpo ou desaprender, se faz necessário aprender a errar, e reconhecer que a aprendizagem não está apenas no conteúdo. O corpo que desaprende é o mesmo que se reinventa. O corpo que resiste é o que transforma o espaço em possibilidade, pois, como indicam Correia e Almeida (2020), são nos encontros, inclusive aqueles marcados por impasses, bloqueios ou desamparo, que o corpo se vê diante do limite de sua impotência e, ao mesmo tempo, perspectiva de expansão de sua potência.

Talvez uma pedagogia do corpo seja, então, uma pedagogia da escuta, escutar o corpo que somos, mas também o corpo do outro, o corpo coletivo, o corpo entre presenças. Escutar os corpos





silenciados, os corpos dissidentes e reconhecer neles os centros de uma nova ética do aprender. Porque educar é estar aberto a aprender. E talvez seja esse o meu compromisso, fazer do corpo uma prática de liberdade. Um espaço onde a experiência substitui o ideal, onde o sentir ganha o lugar do comandar, onde a educação se torna imaginação. Como escreve Passareli (2018), “através do meu corpo me comprometo a ir contra uma história de poucos leitores.” Talvez a tarefa de educar seja justamente essa, ensinar a ler os corpos, não para classificá-los e organizá-los, mas para acompanhá-los, para respirar com eles, para reconhecer que todo corpo, em movimento, pode ser também uma forma de conhecimento e de inventar linguagem. É justamente nessas brechas, nesse entre, onde o sentido ainda não se fixou, que se torna possível experimentar outras formas de existir, traçando novos planos de imanência e ampliando nossa potência de agir no mundo.

APRENDER SENSÍVEL

Há força para enraizar
Brotar, mesmo não havendo água
E ao acordar, desabrochar
Sempre tidas como loucas
Mas florescer é para poucas
Se os galhos alcançar
Onde ainda não posso ver
Nada me impede de crescer
E quando a chuva me castigar
Ela vai transformar
Tudo aquilo que tem que ser
Consegui flores na areia
Na areia, na areia, na areia, na areia (Urias - Blossom, 2023).

Foi nesse campo de atenção, entre percepção e pensamento, que encontrei ressonância com a pedagogia somática. Mais do que um método ou objeto de estudo, ela se apresenta como uma experiência que atravessa, desloca e amplia o modo de estar no corpo. Não se funda apenas em técnicas, mas em modos de escuta e presença; propõe uma ética do sentir, em que o corpo não é mero meio ou instrumento, mas um portal sensível de conhecimento, um território que pensa e se expressa. Quando o corpo passa a perceber o mundo de outra maneira, o próprio mundo se desestabiliza, deixa de ser cenário e se torna relação.

Pensar a partir do corpo é reconhecer que ele não é apenas instrumento ou objeto de aprendizagem, mas sujeito de experiência e de pensamento. Cada corpo traz consigo singularidades, capacidades e percepções que não podem ser reduzidas a padrões ou técnicas universais (Lima, 2010).





Desse reconhecimento nasce uma prática que afirma a irredutibilidade das presenças e recusa a repetição de formas e trajetórias. Cada corpo é um campo vivo de experiências em transformação, mesmo quando tentam fixá-lo em moldes estáveis.

Entre as abordagens que se aproximam desse horizonte, o *Body-Mind Centering* (BMC), proposto por Bonnie Bainbridge Cohen, oferece uma via de investigação experimental. Não se comporta como um método fechado, mas como uma aprendizagem em movimento, na qual o corpo se torna laboratório de si mesmo, articulando mente, sistemas corporais e corpo (Cohen, 2015; Hartley, 1994).

Mais do que integrar saberes, trata-se de dissolver fronteiras: corpo e mente, natureza e cultura, indivíduo e coletivo deixam de ser pares opostos para se tornarem dimensões em diálogo. O soma não é algo a ser moldado de fora, mas um processo interno, o corpo que se percebe a partir de si mesmo, em que sensação e consciência se tornam indissociáveis (Lima, 2010). Minha própria experimentação se insere nesse campo, não como tentativa de definir ou sistematizar a prática, mas como travessia, um modo situado de pensar e praticar fragmentos da educação somática a partir de experiências vividas.

Cohen (2015) evidencia que cada sistema corporal — esquelético, muscular, ligamentar, orgânico, de fluidos, endócrino, nervoso e ontogenético — possui um padrão próprio de funcionamento, ou uma “mente” específica, contendo qualidades de consciência, atenção e percepção que podem ser mobilizadas pedagogicamente (Peas, 2016). Explorar esses sistemas é abrir-se a diferentes modos de presença e consciência, integrando dimensões que costumam ser fragmentadas na educação tradicional, tal compreensão convida a uma escuta mais sutil entre corpo e mente, onde não há hierarquia, mas correspondência. “A mente é como o vento e o corpo é como areia. Se quiser saber como o vento está soprando, pode olhar para a areia” (Cohen, 2015, p. 22). Cada variação de movimento traduz um estado de consciência; e cada deslocamento de atenção transmuta o próprio pensamento.

DISSIDÊNCIAS EM MOVIMENTO

Imaginar já é agir: reivindicar a imaginação como força de transformação já é começar a mudar (Paul B. Preciado, 2022)

Conforme avancei pela graduação, fui sentindo e transformando o corpo que estuda, vive e observa. Algumas coisas mudaram, outras permaneceram, como a constatação de que quase não há, na universidade, um espaço genuíno para a experimentação corporal. Essa percepção se confirmou quando participei como bolsista do Programa Unificado de Bolsas (PUB) “Diversidade e Inclusão nos Programas de Extensão e Cultura”, realizado entre 2024 e 2025, que promoveu rodas de conversa com estudantes e





funcionários da EACH-USP por meio do ciclo “Café com Conversa”. Nesses encontros, emergiram barreiras estruturais, simbólicas e afetivas à participação em práticas corporais, desde a precariedade dos espaços e a burocracia institucional até a lógica competitiva do esporte e a falta de acolhimento à diversidade de corpos e identidades. Ao mesmo tempo, surgiram propostas como a criação de práticas coletivas e não competitivas, a revisão crítica das linguagens utilizadas, a ampliação dos espaços de escuta e o fortalecimento do sentimento de pertencimento estudantil.

A partir desse diagnóstico e das vivências compartilhadas com a discente Trinity e a docente Marília Velardi, nasceu o PUB “Dissidências em movimento: uma confluência entre práticas corporais, esportivas e artísticas”, iniciado em setembro de 2025, sob supervisão da educadora Jaqueline Neiva. O projeto tornou-se parte do meu próprio percurso formativo, um território de experimentação em que passo a habitar, simultaneamente, os lugares de aluno, professor e observador. As práticas desenvolvidas nesse contexto aconteciam por meio de encontros regulares, organizados como espaços abertos de experimentação corporal, nos quais propostas eram disparadas a partir de estímulos sensoriais, imagens, perguntas ou explorações de movimento, sem a rigidez de uma sequência fixa, mas orientadas pela escuta do grupo e pelas condições de cada encontro. Ali, vejo o corpo deixar de ser apenas objeto de ensino para tornar-se espaço de desaprendizagem, desses conceitos fixos, do previsível, das supostas verdades corporais e acadêmicas. É também nesse espaço que me pergunto como sustentar a prática sem transformá-la em desempenho, como construir cuidado sem repetir as violências que dizem nos proteger, tensionando continuamente os modos pelos quais ensinamos, avaliamos e legitimamos o que fazemos. É nesse espaço que aprendo e ensino outras maneiras de ver o mundo e, com isso, outras formas de compreender o que pode ser a Educação Física, uma Educação Física que não reproduza aquilo que, por tanto tempo, me afastou dela.

Minha experiência insere-se com atuação em práticas educativas, mediação de processos formativos e desenvolvimento de ações pedagógicas voltadas a públicos diversos, articulando permanentemente diversidade, corpo, identidade e cultura. No projeto, desenvolvemos atividades fundamentadas em uma pedagogia da escuta e da mediação, compreendendo corpo e mente como eixo central dos processos de aprendizagem. Essa atuação envolve a criação e aplicação de oficinas, propostas formativas e ações educativas coletivas, nas quais atuo como mediador entre experiências, saberes e contextos, a fim de promover reflexões críticas e acessíveis. Nosso público é diverso: contamos com alunos brancos, negros e amarelos; cis, trans e não binários; com sexualidades diversas; jovens e idosos; pessoas





neurodivergentes e neuríticas; discentes e funcionários. Essa heterogeneidade não é um dado periférico, mas o próprio fundamento das práticas que construímos. As sessões não eram pensadas como aulas no sentido tradicional, mas como campos de investigação compartilhada, onde cada participante podia modular sua participação, experimentar diferentes intensidades e construir seu próprio percurso dentro da proposta.

A prática educativa que desenvolvemos valoriza os corpos e as narrativas desses sujeitos, historicamente silenciados, reconhecendo-os como produtores de conhecimento e memória. Entendo, assim, a educação como um processo relacional e contínuo, no qual o educador aprende junto ao público, contribuindo para a construção de espaços educativos inclusivos, sensíveis às diferenças e comprometidos com a transformação social, as experiências práticas não buscavam homogeneizar respostas ou produzir desempenhos específicos, mas abrir espaço para que diferentes modos de existir e se mover pudessem emergir como formas legítimas de saber.

Assim, parafraseando a escritora e ativista travesti chilena Claudia Rodriguez, reaprendi também a me alimentar, não mais movido pela raiva das violências que sofri, mas pela generosidade radical da sobrevivência. Porque, se eu sobreviver, mais e mais bichas não binárias, loucas e monstruosas também sobreviverão. E, juntas, não apenas resistiremos, mas multiplicaremos os espaços de existência que nos foram historicamente negados.

INVESTIGANDO E INVENTANDO

Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade (Audre Lorde, 2019).

Estes planejamentos são um convite para co-habitar o sensível. Depois de percorrer as ideias, dúvidas e ressonâncias entre corpo e linguagem, o movimento agora é o da invenção. O plano se desdobra como um campo de práticas que atravessam pensamento e movimento, mantendo vivo o mesmo desejo de escuta, desaprendizagem e criação de mundos. Esses planejamentos se inspiram diretamente nas experiências vividas no projeto, organizando em forma de proposições aquilo que, na prática, já acontecia como experimentação aberta, relacional e situada. Mais do que um roteiro fechado, este é um caminho





em travessia, que pode durar semanas, meses, ou o tempo que cada corpo precisar para encontrar seu próprio ritmo.

Cada sessão conversa com as seções do texto, não como etapas lineares, mas como camadas que se entrelaçam e se transformam mutuamente. É importante lembrar que nenhum plano é fixo. O olhar e a escuta de quem guia deve permanecer atento ao que se apresenta: quem está ali, que corpos compõem o espaço, que afetos circulam, que ambientes se criam. As propostas aqui descritas são pontos de partida, ideias abertas para investigação. Cada uma pode se reinventar conforme o contexto e o encontro. Não há ponto final nem objetivo específico a cumprir. A investigação é própria, mesmo quando guiada, ela se faz autônoma, singular, situada. São caminhos que se sobrepõem, se misturam, sem ordem, se transformam, ensaios corporais que buscam, como a escrita, mover o pensamento a partir do sentir.

INVESTIGAR O CORPO

Soma e percepção do movimento interno

Ideias conceituais, Vocabulário poético e Condução de prática

Investigar o corpo é sustentar uma escuta. Não se trata de aplicar um método, mas de acompanhar o que emerge no próprio gesto. O soma é corpo vivido, percebido por dentro, onde pensar, sentir e agir acontecem no mesmo fluxo. A prática não busca corrigir, mas desacelerar: suspender julgamentos, cultivar atenção, abrir espaço para perceber. Mover-se torna-se pergunta: onde começa um gesto? na pele, no músculo, na intenção, na memória? onde ele termina — ou continua reverberando?

Caminhe sem pressa. Deixe o peso cair nos calcanhares. Sinta o chão como uma pele que te escuta. Deslize os pés, como quem desenha. Permita que o tronco gire, que os braços acompanhem, que a coluna cresça sem urgência. Deixe o corpo encontrar a maneira mais fácil de se mover. O movimento não nasce só da força, mas de imagens, desejos, lembranças, relações com o espaço. O que o sustenta não é apenas estrutura, mas escuta. Solte o quadril. Deixe o ar tocar a pele. A cabeça não conduz, flutua. Pause. Perceba o que reverbera. Observe o que muda quando você desacelera. Expandir e recolher. Inflar e esvaziar. Abrir e fechar. Alterne ritmos: o rápido, o lento, o quase parado. Incline-se, oscile, escute o espaço entre uma ação e outra. Respire como se o ar viesse debaixo dos pés. Escute o corpo em movimento: o atrito, a respiração, o deslocamento do peso, o quase-silêncio. A consciência corporal não





se impõe como controle, ela acontece. Surge no encontro entre percepção e imaginação, entre o que é sentido e o que pode ser inventado. E, aos poucos, talvez não seja mais sobre buscar o movimento, mas perceber que já estamos sendo movidos.

POR DENTRO, O FLUXO

Sistemas, ritmos e interdependências

Ideias conceituais, Vocabulário poético e Condução de prática

O corpo é um campo de sistemas interdependentes: ossos, músculos, fluidos, órgãos, nervos. Pensar o corpo por dentro é deslocar o olhar para uma escuta sensível entre anatomia e imaginação Pees (2016). Cada sistema revela uma qualidade: o esqueleto sustenta, o músculo impulsiona, o fluido atravessa. Investigar essas camadas é reconhecer que o movimento não é único, mas resultado de múltiplas inteligências que coexistem e se transformam. Não há hierarquia fixa, há relações — sistemas que se atravessam, se apoiam, se reorganizam.

Escolha um sistema. E se o corpo se movesse como esqueleto? Sinta os ossos organizando o espaço. Estrutura, direção, apoio. Deixe o movimento nascer do interno firme, essencial. Agora, desloque. E se fossem os músculos que pensam? Impulsione, contraia, sustente, libere. Perceba o esforço, a intenção, a ação que se projeta. Deixe mudar novamente. E se o corpo fosse fluido? Sinta o sangue correr, desenhando caminhos invisíveis. Deixe o movimento escorrer, contornar, infiltrar. Como líquido que procura passagem. O coração pulsa. Ritmo. Pausa. Ritmo. Respire expandindo as costelas, o abdômen, a pele. Como se o ar atravessasse o corpo inteiro. Alterne qualidades: densidade, leveza, resistência, dissolução. Do osso ao fluido, do impulso à deriva. Deixe um órgão conduzir. O coração, o pulmão, o fígado, centros de movimento possíveis. Perceba onde um sistema termina e outro começa, ou se eles já estão misturados. Rolar, empurrar, ceder. Soltar os joelhos até o peso derreter. Abrir espaço entre as vértebras. Escutar o dentro. O corpo não é soma de partes, mas trama viva. Um sistema convoca o outro, modifica, contamina. E talvez, ao investigar, deixe de fazer sentido separar, resta um corpo em fluxo, matéria viva em contínua reorganização.





ENTRE CHÃO E HORIZONTE

Espaço, relação e presença no território

Ideias conceituais, Vocabulário poético e Condução de prática

O espaço é corpo expandido. Mover-se é traçar mapas invisíveis, habitar, marcar, cuidar. O território não é neutro, carrega memórias, afetos, presenças. Percebê-lo é também perceber o outro, o chão, o ar, os objetos, o entorno. O movimento não acontece no espaço, mas com ele. “O que são níveis, o que é qualidade? o que é raso? o que é profundo? o que muda? o que permanece sempre imóvel?” (Brook, 2019, p. 13) são questionamentos para então, mover-se com o espaço e dançar com o mundo.

Caminhe e desenhe um caminho invisível. Sinta o chão: ele sustenta, cede ou resiste? Ancore os calcanhares. Depois suspenda. Busque o que existe entre o chão e o ar. Lance os braços, ondulando a coluna. Serpenteie o quadril. Alterne níveis: rasteiro, médio, elevado. Aproxime-se. Afaste-se. Explore o perto e o longe. Atravesse frestas. Contorne paredes. Apoie-se, escorregue, role, caia, levante. Deixe o corpo reagir ao ambiente: ao vento, ao som, à luz. E ao outro. Movimente-se em direção a alguém sem perder o próprio eixo. Perceba: como o movimento do outro altera o seu? Desenhe trajetórias no ar. Risque o chão com os pés. Experimente direções, distâncias, intensidades. Sinta como o espaço te devolve: empurra, acolhe, atravessa? Imagine o espaço respirando com você. Ser árvore, enraizado e em expansão. Ser rio, fluxo que contorna. Ser sombra, presença que acompanha. O dentro e o fora deixam de se separar. O corpo não ocupa o espaço — ele se torna relação. E, talvez, ao sustentar essa escuta, não haja mais fronteira clara entre corpo e território, mas um campo compartilhado em movimento.

CORPO QUE IMAGINA

Fabulações, sonhos e improvisações poéticas

Ideias conceituais, Vocabulário poético e Condução de prática

Imaginar é abrir espaço para o não sabido. Mover-se sem buscar forma certa, sustentando curiosidade e espanto. A mente de principiante (Hartley, 1994) não acumula respostas, ela se disponibiliza.





O corpo aprende ao se deixar afetar. A imaginação não é fuga do real, é força que cria movimento tanto quanto a anatomia. O gesto deixa de reproduzir para inventar: pensamento, sonho, fabulação em ato.

Movimente-se como se o corpo estivesse sendo inventado agora. Descubra o gesto pela primeira vez. Ondule a coluna, serpenteie o quadril, circule punhos, deixe os braços fluírem. Vibre os dedos, trema os joelhos, pulse o peito, derreta os ombros. Brinque com a gravidade como se fosse brinquedo. Espirale o tronco. Deixe as mãos escorrerem. Risque o ar sem destino. Siga um impulso sem saber onde ele termina. Rodopie como quem perde o centro. Salte como quem sonha. Rasteje como quem busca raízes. Deixe o gesto rir. Falhar. Se contradizer. Transforme o erro em dança. Experimente texturas: denso como lama, leve como poeira, líquido como maré. Mova-se como se fosse feito de água. Depois, de pedra. E se o ar tivesse peso? Vibre como corrente elétrica. Resista como matéria sólida. Escorra como rio. Brinque com a gravidade como se fosse brinquedo. Deixe uma imagem conduzir: vento, fogo, sombra, animal, estrela. Permita que o corpo fabule, que invente sentidos sem precisar fixá-los. Aproxime-se do outro. Deixe que um corpo contamine o movimento do outro. Improvisar não é ausência de direção, é escuta radical do que emerge. E, talvez, ao sustentar o espanto, o corpo deixe de buscar formas conhecidas para tornar-se lugar onde o movimento ainda não existe, mas começa.

CORPO QUE RETORNA

Integração, transformação e ancoragem

Ideias conceituais, Vocabulário poético e Condução de prática

O corpo é processo em transformação contínua. Cada gesto não começa nem termina, continua. Fluxo entre expansão e recolhimento, entre fazer e desfazer. Integrar não é estabilizar, mas sustentar a presença enquanto o corpo muda. Corpo e mente não se separam, são mobilizações de atenção, sensação e criação no mesmo instante (Cohen, 2015). Estar presente não é fixar-se, mas ancorar-se no que acontece, respondendo com inteireza ao agora.

Sinta o corpo expandir e recolher como as ondas. Abra o peito. Inflar e esvaziar o abdômen. Alongar braços, encolher ombros, recolher mãos. Projete o olhar. Depois, deixe-o repousar. Gire lentamente. Atravesse o espaço sem pressa. Deixe respiração e gesto acontecerem juntos. Vibre. Expanda. Derreta. Recolha. Transforme o cansaço em outra qualidade de movimento. Alterne estados: firmeza e





suavidade, leveza e peso, tensão e descanso. Flua como rio. Brilhe como sol. Desapareça no silêncio. Pause. O que mudou em você após o movimento? Sinta os pés no chão. Respire mais fundo. Permaneça. Observe o que o corpo precisa soltar para continuar. Busque o equilíbrio, não como ponto fixo, mas como negociação contínua entre forças. Permita que o movimento nasça do impulso interno e, aos poucos, retorne. Perceba o instante em que o movimento se torna presença. E talvez, nesse retorno, não haja repetição, mas transformação: um corpo que já não é o mesmo, ainda que permaneça.

ENQUANTO HOVER CORPO, HÁ DERIVA

Talvez não haja fim, apenas deriva. O texto, como o corpo, segue respirando fora das margens, não para responder, mas para continuar perguntando. O que acontece quando o pensamento se move junto ao corpo? Que mundos nascem quando escrevemos com o que sentimos? Que formas de ensinar se inventam quando a dúvida deixa de ser falha e se torna método?

Escrever e mover-se talvez sejam o mesmo gesto, um modo de escutar o que ainda não tem nome. O conhecimento, então, não é o que se acumula, mas o que se arrisca. É o instante em que a palavra vacila e, por isso mesmo, abre espaço para o que o corpo intui, deixar que o caminho se curve, que a ideia respire, que o sentido demore a chegar. Se todo conhecer é um fazer, e todo fazer é um conhecer, talvez o texto continue enquanto houver corpo em escuta. Enquanto houver presença, há movimento. E enquanto houver movimento, há mundo nascendo. O fim, aqui, não é um encerramento, mas um entrelugar onde nascem infinitas possibilidades.

Talvez o compromisso agora seja deixar o texto correr e perceber o que se move quando nos dispomos a não concluir, mas permanecer, entre o dito e o por dizer, entre o dentro e o fora, entre o que se sabe e o que ainda se inventa e que ainda pode ser perguntado? O que a palavra ainda pode mover? O que o corpo ainda pode dizer quando a linguagem se esgarça? Que mundos se abrem quando o saber está à deriva, quando o silêncio também ensina? Por ora, não foco em fechar, mas em sustentar o inacabado. Deixar que o texto siga vivo, instável. E assim, seguir, inventando, criando mundos que ainda não existem, afinal, quem decide onde uma história deve começar e quem tem autoridade para decretar um fim?





REFERÊNCIAS

BARRIONUEVO, Gustavo; STUBS, Roberta. A drag tranimal enquanto figura de subjetividade: como recuperar a animalidade em um contexto human normativo? *In*: LESSA, Patrícia *et al.* (org.). **Relações interseccionais em rede: feminismos, animalismos e veganismos**. Salvador, BA: Devires, 2019.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BROOK, Peter. **Na ponta da língua: reflexões sobre linguagem e sente**. São Paulo: Sesc, 2019.

COHEN, Bonnie Bainbridge. **Sentir, perceber e agir: educação somática pelo método Body-Mind Centering**. São Paulo: Sesc, 2015.

CORREIA, Elder Silva; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Por uma educação física da ordem da potência: o que pode o corpo em movimento? **Motrivivência**, v. 32, n. 61, p. 1-19, 2020.

COSTA, Marcelo Adolfo Duque Gomes da; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Plano de imanência e linguagem: a distância daquilo que “podemos” no campo das práticas corporais de movimento. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 43, p. 1-7, 2021.

CVETKOVICH, Ann. **An archive of feelings: trauma, sexuality, and lesbian public cultures**. Durham, England: Duke University Press, 2003.

DENZIN, Norman K. **Investigação qualitativa crítica. Sociedade, contabilidade e gestão**, v. 13, n. 1, p. 105-119, 2018.

FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial**, v. 7, n. 12, p. 1-22, 2020.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento: metodologias da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

GOMES-DA-SILVA, Eliane; SANT'AGOSTINO, Lúcia Helena Ferraz; BETTI, Mauro. Expressão corporal e linguagem na educação física: uma perspectiva semiótica. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 4, n. 4, p. 29-38, 2005.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARTLEY, Linda. **Wisdom of the body moving: an introduction to Body-Mind Centering**. Berkeley, USA: North Atlantic Books, 1994.





LIMA, José Antônio. **Educação somática**: diálogos entre educação, saúde e arte no contexto da proposta da reorganização postural dinâmica. 2010. 184f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LONGANO, Anna Carolina; VELARDI, Marília. Receita de família: o método perfeito para uma pesquisa. In: **Demarcando mudanças sociais**: intercursos de tensões em diferentes contextos. São Paulo: Blucher, 2024.

MARTÍN, Felipe Rivas San. Uma educação sexy: dissidência sexual e espaços estudantis. Entrevista por Miguel A. López. In: CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel A. (Orgs.). **Agite antes de usar**: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. São Paulo: Sesc, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

MARTINS, Luiza F. G. S.; VELARDI, Marília; MARXEN, Eva. **Caminhos entre arte e clínica**: caminhar como dispositivo poético na pesquisa qualitativa. In: COSTA, Cristiano Bedin da; RODRIGUES, Elisandro; ALMEIDA, Kauan Santos Almeida (Orgs.). **Pensar, montar**: leitura e escrita em educação. Porto Alegre, RS: Cirkula, 2024.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

NASCIMENTO, Tatiana. **Letramento e tradução no espelho de Oxum**: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos. 2014. 185f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. A palavra é gesto: reflexões estéticas sobre o corpo. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 723-728, 2009.

OLIVEIRA, Mayra Ribeiro de; BONASSOLI, Luiz Felipe; FRANCO, Elizabete. Eu canto, eu penso, eu danço, eu sento, eu sinto: narrativas encarnadas de sexualidade e deficiência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE DEFICIÊNCIA DA USP – DIVERSIDADE, DIREITOS E CORPOS: PARTICIPAÇÃO SOCIAL E BARREIRAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO, 1. **Anais...** São Paulo, USP, 2025.

PASSARELI, Matheusa. **Trabalho de vida**. Rio de Janeiro: Instituto de Artes, UERJ, 2018.

PEES, Adriana de Almeida. **Body-Mind Centering®**: a dança e a poética nas linhas dançantes de Paul Klee. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2014.

RUSSELL, Legacy. **Glitch feminism**: a manifesto. Londres, England: Verso, 2020.

SILVA, Roberto; NASCIMENTO, Leticia; CAETANO, Marcio. A bicha docente despachada: sociopoetizando a educação nas diferenças. **Textura**, v. 23, p. 55-59, 2021





TORRAS, Meri. **El cuerpo y sus escrituras**: política y representación en la cultura contemporánea. Barcelona, Espanha: Anthropos, 2007.

Luiz Felipe Silva Bonassoli

<http://lattes.cnpq.br/6601854320823871>

<https://orcid.org/0009-0007-4189-7933>

Universidade de São Paulo (São Paulo, SP – Brasil)

luizf.bonassoli@usp.br

Mariana Harumi Cruz Tsukamoto

<http://lattes.cnpq.br/9523207351290596>

<https://orcid.org/0000-0001-5410-8787>

Universidade de São Paulo (São Paulo, SP – Brasil)

maharumi@usp.br

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autor 1: Concepção e desenho da pesquisa; escrita do texto, coleta e análise de dados nos projetos PUB, criação de conceitos.

Autora 2: Revisão do texto.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.





COMO CITAR ESTE ARTIGO

BONASSOLI, Luiz Felipe Silva; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Co-habitar o sensível: ensaio poético sobre corpo e linguagem. *Corpoconsciência*, v. 30, e21091, p. 1-27, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e21091>.

